

Illustração Portuguesa



ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director—J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.

Editor—ANTONIO MARIA LOPEZ

NUMERO AVULSO, 30 civ.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha: Trimestre 4\$00.—Semestre 8\$00.—Ano 17\$00. COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 9\$50.—Ano 19\$00. ESTRANGEIRO: semestre 14\$50.—Ano 29\$00.

Redacção, administração e oficinas—Rua do Século, 43—119314

Maquinas e Acessorios Para as INDUSTRIAS e AGRICULTURA

Pedir preços, orçamentos a

C. STEFFANINA—39, R. Corpo Santo, 41

O passado, o presente e o futuro revelado pela mais celebre e chiromante fisionomista da Europa

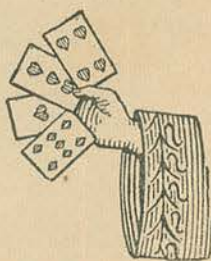


M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancia, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onae foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 40, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 5\$00, 10\$00 e 15\$00.

giram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete: 40, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 5\$00, 10\$00 e 15\$00.

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo esclarece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 as 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

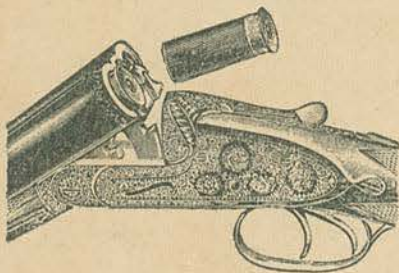
Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º Esq. (Carmo da Rua d'Alegria, prédio esquina)

Ver na próxima quarta-feira o

SUPLENTE DE MODAS & BORDADOS (DO SÉCULO)

Preço 10 centavos

COMPTOIR INTERNACIONAL



R. NOVA DO ALMADA, 36, 3.º
LISBOA

Representantes e depositarios
— DE —
VICTOR CARASQUELA DE EIBAR

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

MAQUINAS INDUSTRIAIS

Oleos para lubrificação de maquinas

Correias, empanchas, borrachas.

Desperdícios de algodão

Acessorios para a industria em geral

Carburadores Claudel para carros europeus e americanos e especiais para carros Ford

Economia garantida de gazolina.

José Albano & C.ª L.ª

Porto—R. M. Silveira, 254.

Lisboa—R. do Arsenal, 60, 1.

JANOTAS???? Sejam economicos!!! Como vestir bem e barato???

So na AGENCIARIA JANOTA

Onde se vizam fatos e sobretudoos ficando como novos, baratos e no rigor da moda.

Accitam-se fatos a feite

Rua do Sol ao Rato, 215

Postal a S. MADEIRA

Electrico da Estrela (4 porta)

Agua de Cucos

A mais acreditada agua medicinal para o tratamento do estomago, rins e bexiga.

AS TERMAS DOS CUCOS abrem em

1 de Junno e fecham em 30 de Setembro

Deposito Gera' das Aguas

Rua de Santa Justa, 7 a 13

LISBOA

Sapataria JANUARIO

Calçado de luxo em todos os generos pelos mais chics modelos

MEIAS FINAS

78, R. de S.ª Justa, 80

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SÉCULO»

II Serie — N.º 792

Lisboa, 23 de Abril de 1921

30 Centavos



Mademoiselle de Bittencourt, uma das primeiras damas da sociedade inglesa, bem conhecida pela sua obra de filantropia.

CAPA: — Cara risonha (estudo).

Cronica da Semana

A proposito da greve dos empregados das empresas jornalisticas de Lisboa, tem-se discutido muito o que deve entender-se pela palavra «jornalista», apesar de definida pelo mais moderno dicionario portuguez como sendo a pessoa «que por habito ou profissão redige, dirige um jornal ou nêle colabora.»

Tal significação não é acatada unanimemente; ha quem a julgue demasiado extensiva e ha quem a julgue demasiado restrita, não faltando quem negue aquele titulo a muitos directores e colaboradores de jornais e quem o exija para individuos que nunca redigiram, dirigiram ou colaboraram num periodico.

Parece que, na verdade, o termo tem antes uma acepção moral do que material; mas o que mais uma vez se reconhece, por esta diversidade de opiniões, todas respeitaveis, é a necessidade de se publicar um dicionario elaborado por autoridades indiscutíveis, para que não dêem vontade de rir declarações como a de certa testemunha, num acto official publico recente, a qual, interrogada sobre a respectiva profissão respondeu que era jornalista, e na occasião de ter de assinar, declarou que não sabia escrever...

VIBRAM ainda no ar as ultimas notas das marchas triunfais que acompanharam o Soldado Desconhecido ao templo de Santa Maria da Vitoria, da Batalha e durante longos anos elas hão-de ecoar gloriosamente em todos os recantos da nossa terra, a relembrar a apoteose do valor, que foi ao mesmo tempo a apoteose da Democracia. Nunca, entre nós, se effectuou consagração mais bela, nunca se fêz nada mais nobre e mais levantado; o espirito dos portuguezes ataviou-se das suas melhores galas em honra dos herois anonomos e nunca, principalmente, as palavras do nosso formosissimo idioma foram mais apropriadas á grandeza do pensamento que traduziam, nunca se combinaram em tão maravilhosa musica. Orações

duma elegancia que se supunha esquecida encantaram e assombraram estrangeiros — e entre essas, como joia duma riqueza e duma pureza sem igual, a Historia guardará a de Julio Dantas, pronunciada na Academia das Sciencias, verdadeira obra-prima, em que o poeta atingiu o maximo da perfeição.

Não sabemos se já corre impressa. Se-lo ha brevemente, e decerto por conta do Estado, para que se distribua largamente pelas escolas, como modêlo de impecavel eloquencia.

JOSÉ Malhõa, o mais illustre dos nossos pintores, não nos deu, na exposição dos consagrados, encerrada ha pouco, nenhum dos trechos da vida portuguezã, que costuma reproduzir com prodigiosa verdade; o que, porém, apresentou, retratos e um quadro do nú, atraíu as atenções geraes, de modo que no certamen foi ele o vencedor, no dizer dos proprios colegas.

Como o ano passado tinha exposto um unico quadro, já o julgavam fatigado ou voluntariamente inactivo; o desmentido aí está, a demonstrar a frescura e a impetuosidade do seu talento, sempre moço, sempre vivo, sempre obediente á dôce tirania da Arte, que o obrigará a criar constantemente.

Deu-nos pouco e em compensação, noutra exposição recente, os novos deram-nos muito; mas quantos dêstes, justos como são e admiradores do mestre, não trocariam as duzias de telas que pintaram por uma unica minucia de qualquer dos quadros de Malhõa!

Paixão e morte do Infante, de João Grave; *Abelhas*, de Julio Dantas; *Aos soldados sem nome*, de Delfim Guimarães; tais são, de entre os livros que temos presentes, por amavel oferta dos autores, os que já conseguimos ler. A eles nos referiremos mais detidamente, quando dispuzermos de espaço.



JOIAS, BRILHOS, ESPELHOS E FLÔRES

A magia das perolas!... Como rolam suaves, em afagos voluptuosos, pela brancura mate e velutinea dum colo eburneo, oferecendo-lhe o realce do seu oriente magnifico, ou deslisam, cariciosas, ao longo dum braço escultural!

Como ressaltam, formosas, tenta-



doras, numa mão breve de fada, a competirem com o nacarado das unhas que terminam, como pétalas de linda rosa, os dedos alvos e fuselados!

A magia das perolas!...

Que espirito delicado de mulher não lhes sofrerá o encanto?...



Soutoir de perolas de diferentes tamanhos, gradualmente combinadas.
Anel moderno, com posto duma formosa perola segura por quatro garras de platina



Um primoroso e modernissimo colar de perolas terminado por uma borla de minusculas perolas e diamantes montados em platina

Guarda-joias em prata cinzelada, forrada de setim cerise
Explendido colar de diamantes
Anel moderno formado por um magnifico rubi montado em platina
Bracelete de platina e diamantes
Espelho de prata cinzelada



A GRANDE TRAGICA DO SILENCIO



Bertini-Menichelli-Borelli

A Italia é um grande cinematógrafo. As ruínas cenográficas do Forum, as alamedas da Vila Borghèse, a Trinitá del Monte — o altar de Roma, a praça teatral do Capitolio, as pontes encaucçadas de Florença, os canais mumificados de Veneza, as ruas barulhentas de Milão — órgãos de Barbaria, essa Pisa velhinha que tem uma coreunda na torre inclinada, as ruas sujas de G-nova — amarfanhados lenços de assoar, as praças geometricas de Turim, não são mais do que os pomposos cenários da grande companhia cinematográfica: «A Hora de Hoje». Em Italia, o passado é o pano de fundo do presente. As ruínas, os palacios, as estatuas, os quadros, são *bibelots* decorativos nas *étagères* da raça.

O maior insulto que se pode dirigir a um italiano, é fazer o elogio da Italia do passado, cantar os monumentos,

e tarrecer-se com as ruínas. Os italianos consideram-se escravos da sua gloria. Ninguém acredita na Italia de hoje. A Italia é, para todos, o musen da Europa. E' isso, porém, que os italianos não querem. Bem ao contrario de Portugal que tem a volúpia de ser de ontem, a Italia, numa justa ambição, quer ser de hoje, ser mesmo de amanhã, se possível fór... Foi assim que em vez duma Italia contemplativa, parada, uma Italia de etiquetas, encontrei uma Italia febril, dinamica, futurista... Futurista, sim, acreditem-me. Em Milão, há um grande jornal diario futurista: «Testa de Ferro». Em Roma há *cl bs* futuristas, há homens publicos, ministros que comungam no credo novo de Marinetti... E' se futurista, em Italia, por reacção ao passado, para fazer justiça ao presente... As ruínas, os monumentos, as velhas praças, utilizam-se, portando, apenas,



Francesca Bertini



Pjna Menichelli



Lyda Borelli

como cenários... O cinematógrafo é uma grande pintura moderna sobre a estalada tela do passado...

Bertini, Menichelli e Borelli são as três grandes interpretes do Silêncio—tres pinceladas de vida nas pedras mortas... Quiz conhecê-las. Corri atrás delas, persegui-as, em *films* movimentados, só consegui encontrá-las no outro mundo—o outro mundo do *écran*...

Francesca Bertini vive, por outra, não vive na Avenida Romentana, um palacio em cantaria, com grades em volta, estilo *cinema*. Quando lá fui, Bertini estava em Napoles, mas se eu a procurasse em Napoles, estou convencido que ela estaria em Roma... Dias depois perguntei a um jornalista se Bertini já teria chegado. Respondeu-me que se eu a quizesse encontrar, ela estava, áquelas horas, no animatografo do Corso, na sua ul-

tima criação... Observei-lhe que não era a Bertini que me interessava, naquele momento, era a Francesca... Em resposta, esse jornalista afirmou-me que, se acaso, em admirava Francesca Bertini, o melhor era não a procurar. Bertini, na vida, é muda como no cinema, mal sabe escrever o seu nome, é mais ou bela do que no *écran*... Em conclusão, a Francesca Bertini da Avenida Romentana é o manequim da Francesca Bertini do cinema. Não existe, portanto: é uma projecção... Procurei, em seguida, falar a Pina Menichelli. Pina finge que habita no Grande Hotel do Quirinal. Depois de ter creado no cinema a «Vida dum rapaz pobre» vai de-enrolando, em Roma, todos os dias, como em series, a vida dum *ric* e *pau* rico... Pina, segundo informações, é mais inteligente do que Bertini, sabe falar francês, tem a mais bela coleção de ligas que há no mundo, mas como a sua per-



Helena Makouzka

versidade é meramente fotografica, não existe também...

Resta Borelli, a mais intelectual das tres, a mais respeitada pelos Italianos. Borelli é uma grande actriz que, acidentalmente, se dedicou ao cine na. Já não trabalha. Casou, arruinou-se, voltou a ser rica, arruinou-se outra vez... Não estava em Roma, quando por lá passei. Via-a, no entanto. Eu vejo se apré Lyda Borelli, através do oculo de aumento da minha pena, a projectar-se nas colunas do Templo de Saturno, com o seu corpo eléctrico, no terno—uma ironia nas ruinas... Os braços erguidos de Lyda Borelli são os ponteiros da hora official... Outras artistas há, m nos representativas—aquafatas do Silencio—Hesperia, Makouzka, Linda Pini, Karen, Vera Vergani, Narimova... Eu, porém, tenho uma antiga preferencia por aquelas tres—a conta que



Pina Menichelli



A Eugénia

BALADA

POR FERNANDO PAIVA



Eugénia fizera 14 anos pelas vindimas e, na manhã dêsse dia, o santo do abade ao dar-lhe, com as felicitações, um beijo ficou surpreendido; e, o bco do velho todo ruboresceu de pudor quando, ao aperta-la dencontro ao peito, sentiu a pressão dos seus seios entumescidos de seiva, a espetar debaixo da blusa de chita. Ela corou também e ficou-se meio enleada a retorcer nas mãos a rodilha.

«Estás uma mulher Eugénia», dissera-lhe êle.

* * *

Desde então, quando á tardinha dançava no adro com as outras raparigas, quantas vezes se sentia invadida por uma melancolia inexplicavel e se deixava ficar, como que alheia ao que a rodeava, a sismar nas palavras que o abade lhe dissera na manhã daquêle dia em que ela tinha 14 anos — «estás uma mulher Eugénia».

Nas romarias sentia-se a modo que isolada no meio das antigas companheiras e, tomada de uma vaga tristeza, tinha vontade de chorar sem saber porquê.

Se a mãe reparava e lhe perguntava o que tinha, ela não a ouvia porque os olhos lhe fugiam para o grupo onde os rapazes da aldeia requestavam as suas conversadas, e, os ouvidos escutavam ainda a toada acariciadora da voz do abade ao dizer-lhe naquela manhã de outubro em que ela tinha feito 14 anos — «estás uma mulher Eugénia».

Só êles não davam fé disso e continuavam a olha-la como uma creança. Por isso quando, por essas imensas tardes de estio, o pai e os irmãos saíam para o trabalho, quantas vezes a mãe, ao chegar a casa com a lenha para acender o forno, encontrava o pão por amassar e a Eugénia sentada na borda da masseira, com a cabeça nas mãos a pensar, a pensar... Talvez que na replica do abade ao beija-la na manhã daquêle dia em que ela fizera 14 anos — «estás uma mulher Eugénia».

Estava realmente uma mulher e bem linda que ela era com aquele seu ar de choupo esbelto e desempenado. O pescoço era alvo e esguio como o dos ganços que chapinhavam no tanque do cimo da aldeia, os labios vermelhos como cerejas, os olhos enormes como duas grandes amendoas e tôda ela apetitosa e fresca como um fruto quasi maduro.

Todos na aldeia estranhavam a Eugénia e lhe achavam qualquer coisa que até af não tinham notado, mas ninguem fizera a observação que o abade tinha feito naquela manhã de outono em que lhe havia dito: — «Estás uma mulher Eugénia.»

Entretanto ella sentia-se possuida por uma ancdadade desconhecida, um vago desejo que em vão procurava explicar a si mesma, e, ao bater a roupa no lavadouro, quedava por vezes embevecida a vêr as rãs coachar amorosamente no charco ou a olhar as cotovias perseguirem-se nos ares...

Assim, com que sobresalto não ouviria ella, á volta da fonte, num cafr da tarde, o Pedro da Pontinha rezar-lhe com voz quente e tremula: — Que linda tu és Eugénia!...

E eu não quero jurar, mas estou em dizer-lhe, leitora, que a Eugénia achou aquella voz mais doce, mais acariciadora do que a do velho abade ao dizer-lhe na manhã daquêle dia em que ella tinha feito 14 anos — «Estás uma mulher Eugénia».

Do livro em preparação *Pó dos Milh'irais*.



Deus fez — geradas, certamente, no ventre da objectiva...

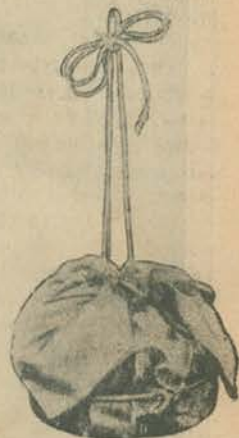
O animatografo creou uma nova humanidade — uma humanidade fotografica. Sem querer pôs á nossa epoca a alcunha da idade da dança. Eu ponho-lhe outra etiquêta: a idade do cinema. De resto, estamos de accordo. O animatografo é o autentico, o indiscutivel bailado das Ho-

ras... O cinema é o *sud-express* das civilisações. Os films são os *wagons-lits* dos nossos olhos. O animatografo é, na verdade, um comboio. Não são os «films» que passam — somos nós que passamos. Estar no cinema é estar em toda a parte. Os *écrans* são os vestidos da Hora.



Um nada, um traço fugitivo, um perfume discreto e estranho que se evolva subtilmente, um gesto delicado, uma nota característica, pessoal, inconfundível em tudo quanto toca, distingue e prefere, revelam a mulher *chic*, para quem a arte de vestir não tem segredos, e o segredo de realçar entre todas é familiar.

É ela quem nos maravilha com a negligência inimitável com que as suas mãos, impecavelmente enluvadas, entreabrem o primoroso saco de seda, forrado com esmeros d'arte e fantasia, escriptorio perfumado de multiplos acessórios de «toilette» que não dispensa um só segundo, é ela quem des-



NAS pequeninas coisas, meros incidentes de «toilette», na aparência sem importância, que muitos desprezam, reside o segredo da elegância que tantos procuram.



tação do seu tocador de fada. . .

O que não ocorrerá ao espirito da mulher *chic*?



cobre o contraste que o negro brilhante dum *peigne de jais* forma com os seus cabelos d'ouro que assim ornamentados, mais loiros parecem, é ela que inventa a ideia de guardar com setim rosa, laços de seda, donde pendem os *sachets* de perfumes, que combina estranhamente, o cabide delicado em que as suas «toilettes» repousarão das digressões pelos salões da moda, e é ainda ela quem, num instante d'ocio, sorriso nos labios, espirito alando-se fantasia em fóra, encobre a sua caixa de pó d'arroz com a *poupée* graciosa que veste de sedas, enfeitada com folhos e laços e que deixa por fim, *toute pimpante*, junto do espelho preferido, aguardando-a na quietude.

HELENA DE ARAGÃO





MISS EDNA HIBBARD

Actriz inglesa que no «Comedy Theater», de Londres, tanto tem despertado a atenção.



UMA GRANDE ACTRIZ E UMA LINDA MULHER, TIKA KOWA, QUE ESTÁ CONSTITUINDO UM GRANDE SUCESSO EM MADRID.



MARIA CLEMENTINA

Actualmente no Teatro Apolo, onde é muito querida do publico.

(Foto Brazil)



OLGA PETROVA

Linda estrela de «vaudeville» e artista de belas atitudes.

A RIQUEZA ARTISTICA DE PORTUGAL



Os azulejos do jardim do Palácio da Marquesa de Fronteira (Lisboa). — (Cliché do sr. J. Francisco Cozar, Junior)

БЕЛЕНА И СВЯТА



As modernas exigências mundanas obrigam a mulher «chic» a estudar a moda com atenção máxima, de forma a que nenhum detalhe novo lhe passe despercebido. Se as «toilettes» de passeio e visitas tendem a simplificar-se no que toca a guarnições, com as «toilettes» de noite sucede precisamente o inverso: de dia para dia, as «toilettes» destinadas a chás elegantes, concertos, «soirées», etc., são mais complicadas, mais recamadas de guarnições, bordados, «drapés», e outras fantasias que a moda constantemente inventa, talvez no intento de nos estontear com a fertilidade do seu espirito improvisador.

Como se vê nos modelos que publicamos, o efeito de dois tecidos diferentes em cor e

qualidade é dos mais procurados. Evidentemente subsiste o gosto pelos contrastes, mas esse efeito é sempre conseguido com o maior criterio, intelligencia e conhecimento das regras da estetica e da arte. Nada de discrepancia de côres, ou de extragar cias ousadas de forma. Todas as combinações assen am sobre a base solida do bom gosto, da harmonia de tons e de linhas.

Como nota característica das modernas «toilettes» para a noite, citaremos o comprimento das saias que tocam o tornozelo, a aliança do «vegandy» com o «taffetas», discretamente combinados, é claro, e as rendas de côres, combinando com a cor predominante do «fourreau».

OS MORTOS DA SEMANA

O DR. ALEXANDRE BRAGA—O TENENTE CORONEL CASTILHO NOBRE—O CABO DA GUARDA REPUBLICANA, VITIMA DA BOMBA DO LORITO



O funeral do dr. Alexandre Braga passando na Praça dos Restauradores. As bandeiras das corporações que se fizeram representar no funeral do dr. Alexandre Braga. O funeral do dr. Alexandre Braga, aspecto do Largo do Esporão, à porta da Câmara Municipal e o cortejo da saída do restos mortais do ilustre politico.



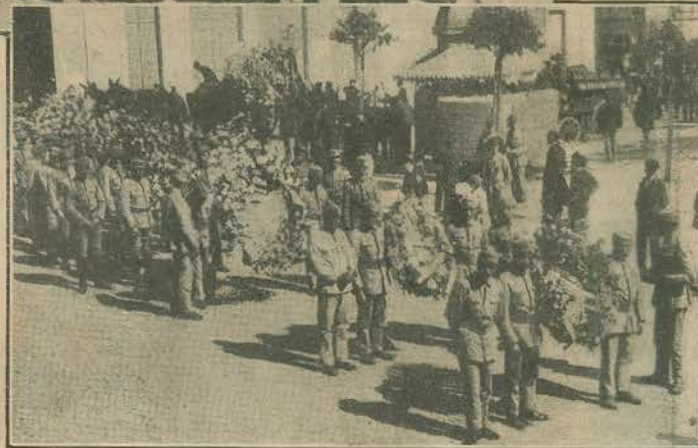
A urna contendo os restos mortais do ilustre homem publico, dr. Alexandre Braga em exposição ao publico no atrio da Camara Municipal.



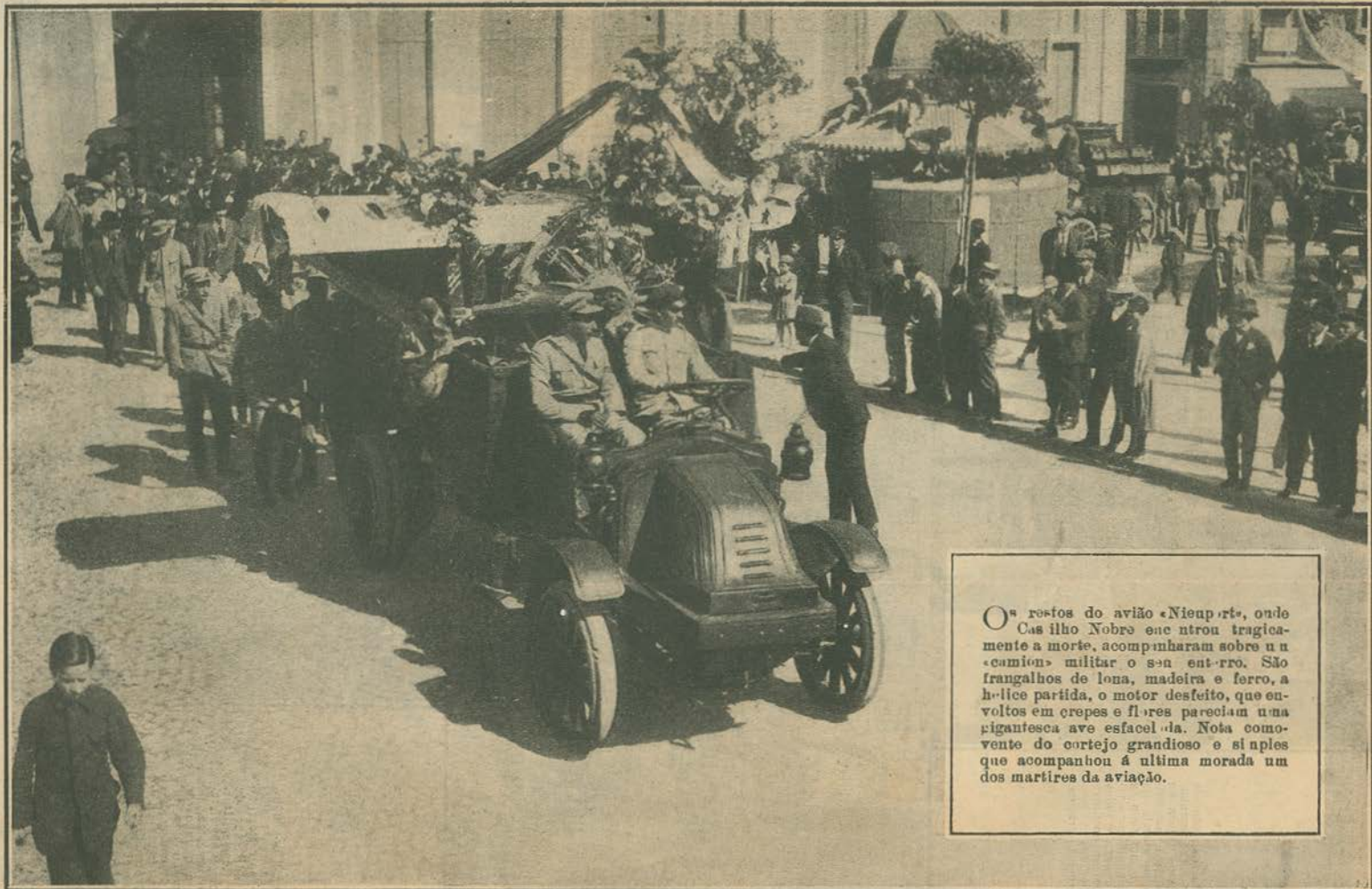
Tres enterros notaveis tivemos esta semana, uma notavel figura da posca politica, um official ilustre martyr da revolução, e um cabo da Guarda Republicana vitima do dever. De todos eles o leitor encontra nestas paginas a precisa informação grafica.



O funeral do cabo do Guarda Republicana n.º 14 Manuel Nunes que foi victimado por estilhaços de uma bomba lançada de uma padaria da rua do Lorito. O seu funeral fo uma sentidissima manifestação de pesar.



O funeral do maiorado aviator tenente coronel Castilho Nobre, director da aeronautica militar, que morreu em virtude do resgate do solo, a quanto da glorificação dos Soldados desconhecidos. A officialid segundo o feretro. Enterro do coronel Castilho Nobre. As cores.

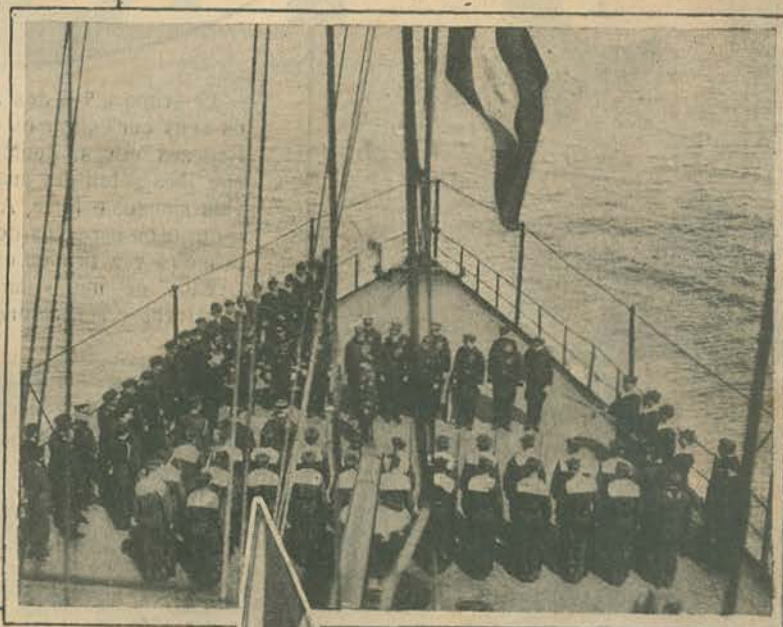


Os restos do avião «Nieuport», onde
Cas ilho Nobre encontrou tragicamente a morte, acompanharam sobre um
«camion» militar o seu enterramento. São
frangalhos de lona, madeira e ferro, a
hélice partida, o motor desfeito, que en-
volto em crepes e flores pareciam uma
gigantesca ave esfacelada. Nota como-
vente do cortejo grandioso e simples
que acompanhou a última morada um
dos mártires da aviação.

A Festa a Bordo do Jeanne d'Arc



1. O sr. ministro da marinha com os oficiais, sargentos e praças condecoradas



2. O baile na co-bertha do «Jeanne d'Arc»

3. O sr. ministro da marinha lendo o seu discurso a bordo do «Jeanne d'Arc», onde foi condecorar os oficiais, sargentos e praças que tomaram parte na grande guerra



4. O sr. ministro da marinha, co andante do cruzador e demais convidados a bordo do «Jeanne d'Arc»

VIDA SPORTIVA



O grupo n.º 9 dos Adueros de Portugal continuou os seus curiosíssimos exercicios na Tapada da Ajuda. Rapazes novos, decididos e valentes, levam o tempo que lhes sobra das suas occupações diarias a cultivar a vida simples e forte. As nossas fotografias são inéditos e curiosos aspectos dos seus exercicios, aspectos pela primeira vez tirados em Portugal e que mais pareciam trechos de um «film» americano, onde ha proezas, aventuras e sensacionais episodios.



1. O adall José da Conceição Rodrigues fazendo uma escalada difícil — 2. No acampamento. A confecção do rancho e o toque
3. Ponte de borlões, construída sobre um precipício de vinte metros de altura

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE

O SEculo



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43, — Lisboa

A' espreita...



«Revolução, não; legalidade, sim.»

(Des jornais. Entrevista com Aires Ornelas)



PALESTRA AMENA

Os nossos vinhos

Aumento de preços

Sim, senhores: estamos, por mais que digam, ou que não digam, em vespuras de se aumentarem mais uma vez os preços das carriciras dos carros electricos. Para o observador atento, era facil prever que se aproximava a catastrofe: carros espaçados, por consequencia cheios á cunha, reclamações nos jornais, descontentamento do pessoal—toda a artilharia a postos, para o ataque definitivo, isto é, a preparação sufficiente para o publico principiar a sentir a falta do transportes e largar em clamores:

—Afinal, se é preciso pagar mais, para ter carros mais frequentes e lugares vagos nos carros, consista-se no aumento de preços, que diabol! Antes isso, do que ver-se uma pessoa obrigada a andar a pé!

E como já hoje se conta com 75 por cento do que se ganha, para a renda da casa, com-se com mais 20 por cento para o transporte e fiquem os 5 restantes para comer, vestir, calçar, etc., etc.

E será indispensavel o aumento para que a Companhia não se veja obrigada a suspender o serviço? É, sim, senhores. E é, não porque a Companhia não ganhe dinheiro, muito dinheiro até; mas porque o ganha em moeda portuguesa, em papel nosso e os acionistas, que são na sua materia estrangeiros, tem de o transformar em ouro do seu paiz e ficam assim, com um pequeno lucro...

Confessamos a nossa ignorancia n'estas giga-jogas comerciais, ou como se lhes queira chamar, e confessamos tambem que foi em conversa que apañhamos esta razão da campanha que se vem fazendo para conquistar o publico a favor dos aumentos; mas a coisa parece-nos tão clara, mete-se tanto pelos olhos ainda dos mais leigos em assuntos economicos e financeiros, que nem por um segundo duvidamos da explicação—tanto mais que não vemos outra.

Todas as companhias que se formam para explorar o proximo contam enriquecer muito e depressa; cinco por cento ao ano e alguns anos com o capital improdutivo, eis o que ninguém pode compreender que aconteça. Comerciar é ganhar, não é arriscar, na opinião dos senhores capitalistas—negocios são negocios, como se declara n'uma peça teatral celebre, representada actualmente não diremos onde, para não se julgar que lhe queremos fazer reclamo. E como negocios são negocios, o publico que gema, que se almente mal, que se empenhe, comtanto que os «direitos» do capitál se mantenham...

Querem os senhores saber o que ha dias aconteceu a um amigo nosso, que mandou comprar um garraffo d'agua de Luso a uma mercearia? Abriu em casa o garraffo, reconheceu que a agua tinha mau cheiro, estava turva e, por consequencia, estragada e devolveu-o

á mercearia, pedindo a restituição do dinheiro que tinha dado por ele. Resposta do lojista:—Não recebemos o garraffo. Não temos culpa da agua estar estragada...

O homem tinha estabelecimento «apenas» para ganhar—como se o ganho total, não fosse uma media de lucros e perdas—e o freguês, que desembolsava dinheiro com a condição de em troca lhe darem agua pura de Luso, era obrigado a receber uma mixórdia que não tinha pedido e que para nada lhe servia.

Pois é verdade: estamos em vespuras de pagar por uma carreira de electrico o que ha pouco pagavamos por uma de automovel, e cara al gr...

J. Neutral.

Consta...

Muita coisa tem consta do ultimamente a respeito do sr. dr. Afonso Costa! Primeiramente, consta que não viria a assistir ás homenagens ao Soldado Desconhecido; depois, que tinha vindo até á fronteira e voltado para Paris; depois, como cá veia, os «constas» continuaram...

...Que regressaria a Paris, resolvendo a nunca mais intervir na politica portuguesa...

...Que tomaria, de novo, parte activa na dita politica...



...Que lá ia para negociar um empréstimo...

...Que só voltaria cá quando o electossem Presidente da Republica...

Isto é o que os jornais disseram, mais ou menos. Agora, o que nos consta por portas travessas:

...Que o sr. dr. Afonso Costa se veio a Lisboa foi para ver o actor Alves da Cunha nos «Negocios são negocios»...

...Que veio para mostrar a casaca com que foi no cortejo...

...Que veio a pedir o do Urbano Rodrigues, que não fazia senão chorar por ele...

...Que veio para que o vissem ao lado do sr. patriarca, porque se convertem ao catolicismo...

E' possivel, afinal de contas, que não tenha vindo a Lisboa por nada d'isto, mas apenas porque, como pessoa livre e maior, que é, pode ir onde muito bem quizer e ninguém tem nada com isso. Ora aí está!

Agora é que estamos bem servidos da nossa vidinha, com as dificuldades que em França e n'outros paizes os estrangeiros estão levantando á entrada dos nossos vinhos. Lembraram-se aqueles diabos lá de fóra de se embeldar



com as mixórdias que tem de portas dentro e aqui estamos nós obrigados a fazer o mesmo, isto é, a beber os nossos vinhos, se os quisermos consumir.

O resultado já se sabe que ha-de ser uma taxada permanente—mas não se assuste ninguém com a perspectiva. No estado de brachadeira a que se chegou, mais pinga menos pinga não é coisa que prejudique o organismo.

...Lá vai á nossa saúde!

Excepções

Logo profetiámos que esta coisa dos pianos havia de vir a fazer barulho, isto é, que a lei da contribuição sobre aqueles instrumentos havia de sofrer modificações.

Nosso dito, nosso feito: elas aí estão, isentando varios detentores da referida materia tributavel, como se o dizer-se em linguagem aduaneira.

Ora, entrando-se pelo caminho das alterações, já que os legisladores estão com a mão na massa, parece-nos que seria oportuna uma experiencia do imposto gradual e progressivo, de modo que pagasse o mínimo da contribuição,



ou nenhuma, o Viana da Mota, o Rei Colaço e outros executantes celebres; d'áí para baixo, a contribuição iria ascendendo, até o maximo—aquelas horribes mentiras que nos deliciam em casa das sr.^{as} Pires, com o ultimo «Maxixe»...

Temos uma vizinha que bem merecia que lhe ferassem um conto de réis de imposto, e não era de mais!



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Zefinha da mê curasão.

Incuntrei onte u noço cumpadre Arnesto Rodrigues que ia de ôtomovel i mal u Amerante toudos puchados á çuatansa i vai ós pois u Arnesto di-xe açim:—O' Jerolmo! tu aindas nan fostes ber u «J. P. C.» ó Sam Luiz?—O' raiol! arrespondi eu. E' b'rdado que aindas nan fui m porque tenho andado munto cu stripado na unha du d'êdo maminho du pé drêto que istá incraba-da.—Pois intão vai lá, cumpadre.—Iço é que eu bou. I vai d'ahim lá fui onte mêmo i custoume á ranjar vilhete porque avia grande inxente; u que va-leu é que fuiu du vorla como bou cem-pre caudo nan apunhava alguns jaral pello presso d'algun litro de açete que istá pella óra da morte i u stalor ou-miçaro dos inbusticimentos nan decha a jente trazer ninhum de fora pur cosa de cá vir fa er cuncurrensa ó outro que cá nan é. Vai ós pois lá acesi á dita u preta que é touda amaricana benza deus i a mim me nan desinpare que nunca vin nada açim cum mais grassa cu pronsial é u Albes i mal trez prin-cezes que é u princez da vellas u du çabão i mal u du licho. Cempre ri mais que nin tu imaginas i tamen munto gustei de ovir cantar a Aldina i mal a O'zenda caquillo ispremece que luté faz afeliso a um ómo oibir nma voz tam de dentro du péto nan fallando na museca du Felipe que é touda du lado de lá du lquador, tropical como é dia-bo i u que ta digo é que çou da inpen-ção du caxopo que fez nu «Século» a nutissia da prumera arreprentação du «J. P. C.» quer dizer cus ôtores que ção u noço dito cumpadre Arnesto Rodrigues, u Juão Bastos i u Feles Brimudes devião mandar tarduzir tudo aquillo pellos franceses i viam a pensa a correr mundo que inté mettia num xineo a «Viuva Alegre», u «Amor de Principe» i muitas outras cozas ostri-cas i alambas que ce tem arreprenta-do in touda a parte. Agardesso munto ó cumpadre Arnesto a alimbransa que tove i cum isto nan te infado mais ca minha ó fazer desta é voa grassa a deus pra çempre amen jazus maria isé i istimo ca tua tamen. Isteiça na mêma i dá coidades a touda a familia i mal ós caxopos i a quem por mim préguntar nan isquesendo nunca os noços baeros i mal a marrá deste tê marido inté ó dia de juizo se deus for cervido.

Jerolmo

Emprezario do Pauliteama do Peras Rulvas.

Tiveram de o gramar!

Por mais que o Joffre, o Diaz e o Dorrien fizessem, não tiveram outro remedio senão gramar o grau de doutores, com o ceremonial do estilo, cape-lo, borla, discurso em latim, etc.

EM FOCO

O general Diaz



Com que então é dos nossos descendente?
E' da familia genial do Dias?
D'aquelle que entre varias valentias
Dobrou um certo cabo renitente?

Se procurarmos minuciosamente,
Se formos aos papeis e ás gerarquias,
Quem sabe até se por avós ou tias
Não sou tambem ainda seu parente!

Devo ser, d'essas raças lusitanas
Que, no dizer de historias boorentas,
Passaram inda além das Taprobanas.

Bem sei que são batalhas incruentas,
Mas ha trinta anos, todas as semanas
Eu dobro aqui o Cabo das Tormentas...

BELMIRO

LOGARES SELECTOS

Milagre

A Escritura Sagrada
Lá diz que uma mulher má
Não ha fera, não ha nada
Peor no mundo; e não ha!

Uma lá da minha aldeia,
Que era muito impertinente,
Muito má e muito feia,
Morreu um dia de repente;
Morreu, desgraçadamente
Mala tarde do que devia.
Mas em suma toda a gente
Teve a maior alegria.

Passados anos (é boa!)
Foi-lhe preciso ao coveiro
Abrir a cova e achou-a
Ainda de corpo inteiro.
Ainda rosas na face,
Ainda sinais de vida...
Milagre! coisa sabida;
Pois mais fresca que uma alface
Ha tanto tempo enterrada,
Devendo estar reduzida
A pó, terra, cinza ou nada...

Vem dar parte; e corre a ve-la
O povo atraz do prior;
E' passam logo a traze-la
Em cima do seu andor.
E a pó-la n'uma capela
De grande veneração;
(Eles ás costas com ela
E ele cantar canto-chão);
Mas seja lá como for,
O que é certo é mais que certo
E' que santa como aquella
E' hein de mais devoção
Não ha por ali tão perto!

E dizem que não ha santos
Como nos tempos passados!
E' cá opinião minha
Que muitos (quantos e quantos!)
Que af' morrem desprezados
Se não são canonizados
E' que está cheia a Folhinha.

(De João de Deus).

E o que lhes valen foi demorarem-se tão pouco tempo entre nós; se permanecem mais uns dias ninguem os livrava das outras honrarias com que costumamos agradecer as pessoas com quem simpatizamos, isto é, seriam cantados nas revistas do ano—«O fado do Joffre», está-se a ver que era d'um efel-



tarrão—nomendos revolucionarios civis, feitos deputados por Freixo-de-Espada-a-Cinta, convidados para colaborar nos albus das meninas da Baixa, etc., etc.

Ao pobre Dias até arranjaram um avô português!

Atenção

Já temos dito mais d'uma vez que isto se explora annuncios humoristicamente é çuão que já deu vinha. Mas uma coisa é dizer e outra é fazer, pelo que chamamos a esclarecida atenção do leitor amigo para o seguinte annuncio, inserto ha dias nas folha diarias:

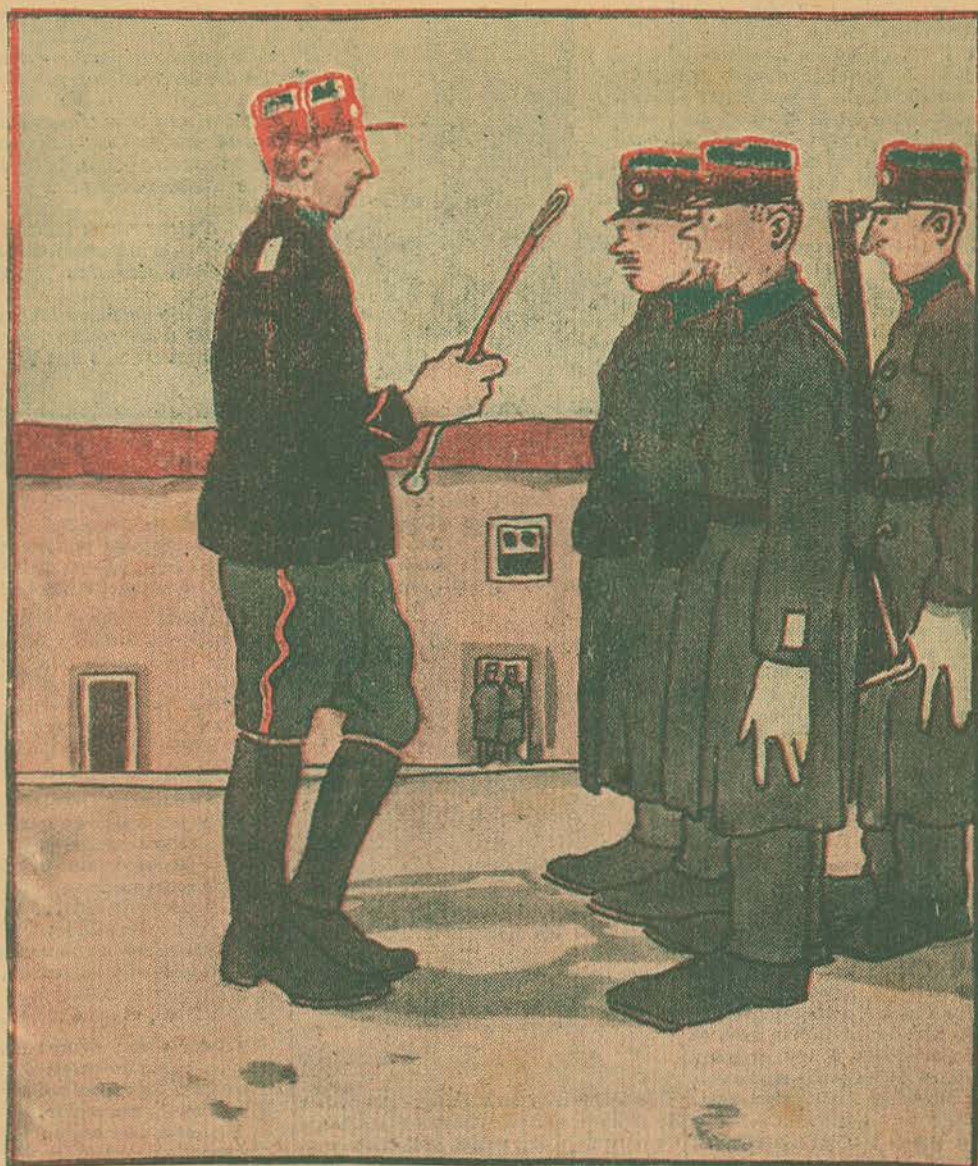
BURRO

«Pequeno, pardo 4 anos, foi roubado no dia 13 ás Portas d'Algés, foi visto passar á passagem do nivel Calhariz».

Trata-se, como se vê, d'am rapto de menor, com a agravante de pertencer o raptado ao sexo fragil, isto é, ao sexo masculino.

«Cherchez la» burra.

Um eco da ultima gréve



Na parada. O alferes:

- *Preciso de quatro soldados destemidos, para um serviço arriscadissimo.*
- *E' para irmos para a guerra outra vez, meu alferes?*
- *Upal upal! E' para irem fazer serviço a uma padaria!*